

Engenheiro no círculo de fogo



GUIDO FIDELIS

é jornalista e escritor, assessor de comunicação do Sindicato da Indústria da Construção Pesada do Estado de São Paulo, Sinicesp
E-mail: comunicacao@sinicesp.org.br

O engenheiro caminha vagarosamente. Em suas mãos trêmulas, apenas uma sacola de plástico. Dentro, resultados de exames laboratoriais. Imagens reveladoras. Fígado, pâncreas, rins e estômago desnudados. E muitas veias. Um campo de batalha onde células enlouquecidas guerreiam. Respira. Tudo lhe parece acinzentado. Amanhã, os prédios. Mesmo os mais bonitos que ele projetou e construiu. A preocupação domina seu cérebro. Não permite que veja o colorido das roupas das pessoas, risos dos que se alegram diante das vitrinas com desejos consumistas.

O coração palpita ao entrar no consultório e se apresentar à recepcionista. Assina papéis e recebe uma senha. Tem de esperar a sua vez de ser atendido. A tensão aumenta. Para ele, médicos não têm a precisão dos engenheiros na sua missão de edificar maravilhas. Diagnósticos são diferentes de cálculos. Erros de avaliação levam o paciente ao desespero. Provocam pânico.

Respira, enche os pulmões de ar refrigerado. Senta-se numa cadeira e se irrita com as notícias transmitidas pela televisão. Assaltos, tiroteios, estupros, corrupção. Desvia o olhar de doentes agoniados que lotam a sala. Segura uma revista, desiste de ler. Tenta se concentrar numa oração. Implora a todos os santos.

A mente vaga em busca de distração. Imagina-se vigoroso. Membro ativo de uma expedição numa época passada. O barco na imensidão oceânica. Descobertas. Bandeira fincada no solo de novas terras. Ciclo construtivo, vilas, cidades, estradas, obras de arte. Emoção do regresso. Reconhecimento. Palestras aplaudidas por ouvintes que se deslumbram com os relatos dos perigos enfrentados. Das fronteiras alargadas.

Defronta-se com a realidade. Uma espada descomunal penetra seu corpo, rasga o peito, o sangue jorra como vinho. Nenhum vampiro para saciar a sede. Sente-se prisioneiro, dentro de imen-

so círculo de fogo. Um escorpião que se retorce e morre. Não com o veneno do próprio ferrão, mas pelo efeito do calor que desidrata.

Sem saída. Acorrentado no calabouço da incerteza. Aguarda a sentença. Escorpiano. Todos os tipos de sentimento residem em seu corpo. Signo emocional. Emotivo. Precisa esconder a vulnerabilidade, não se transformar em presa fragilizada. Lembrações enclausuradas desfilam nos labirintos da memória. É preciso reagir. Coragem.

Todos os tempos se fundem. Antevê o futuro, adivinha. Logo mais não passará de um bolo de fubá. Dividido em fatias. Destinadas a urologistas, cardiologistas, hepatologistas. Ista e mais istas formam um exército devastador na invasão de seus órgãos. Dissecado como cadáver nas mãos do legista. Imposições rigorosas, regimes, todos os prazeres cortados: bebidas, charutos. Refeições somente as balanceadas à base de vegetais. Não mais carnes, massas, doces.

Ergue-se, circula pelo recinto. Bêbado errante. Aproxima-se da recepcionista. Pergunta se vai demorar. Ela pede paciência, o médico está atrasado, teve de passar no hospital, verificar o estado de pacientes submetidos à diálise ou em recuperação pós-operatória. Agradece e volta ao seu lugar.

Súbito, crispa os dedos, esboça sorriso. Decisão tomada. Pensa nos prédios que pode erguer na cidade, no ato de comandar operários, de se agitar em meio às máquinas, do cheiro do concreto. Contém o grito de liberdade. Deixa rapidamente a clínica, joga na lixeira a sacola contendo os exames e entra no primeiro bar para comemorar a alegria de viver e projetar o futuro. Com voz firme, pede ao balconista:

- Uma cerveja bem gelada. ☞

